

Luís Adão da Fonseca

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

## *José Marques historiador e medievalista\**

Vai sendo nosso hábito homenagear aqueles que, tendo convivido connosco durante anos, se jubilam ou se reformam. Aproveitamos para o efeito as “Semanas de Estudos Medievais” promovidas pelo Instituto de Documentação Histórica. E fazemo-lo debruçando-nos sobre a sua obra científica. Na Universidade – na sua docência e investigação –, a dimensão de convivência é muito importante. Ninguém faz ciência só, isolado. Mesmo quando está fisicamente encerrado no silêncio do seu gabinete, o universitário estuda ou escreve pensando nos que o vão ler, ou seja, está sempre em contacto com outros. A ciência, como tudo o que é importante na vida, faz-se em conjunto. Por isso, a nossa biografia é sempre, de algum modo, uma biografia colectiva, alimentada pelo sentido profundo de um diálogo que atravessa as gerações. Ninguém escreve ou estuda só e apenas para si próprio. Há sempre alguém (com ou sem retrato) que, do outro lado, pensamos encontrar. É neste diálogo que a Universidade e a Ciência vivem, se estruturam, progridem.

Por isso, aceitei com gosto o convite que a direcção do Instituto de Documentação Histórica me fez no sentido de evocar a personalidade científica do Doutor José Marques. É certo que já se realizaram outras manifestações de apreço pela sua figura, quer no âmbito do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, quer no âmbito da Faculdade. Aí se evocou – e bem – a sua figura de professor, de universitário e de historiador.

Assim, e fiel à ideia atrás enunciada de que a Universidade é diálogo, não vou repetir o que nessas cerimónias foi dito. Vou procurar homenageá-lo da forma que entendo ser a mais universitária possível: retorquindo às perguntas que, ao longo de mais de 30 anos, ele me foi fazendo; dizendo que a sua laboriosa produção representa um questionário merecedor de respostas; afirmando que os múltiplos trabalhos que foi publicando, na ordem das centenas, são outras tan-

---

\* Intervenção proferida no decorrer da 3ª Semana de Estudos Medievais - Faculdade de Letras da Universidade do Porto (28 de Outubro de 2003).

tas interrogações que aí ficam; manifestando, em suma, quanto a sua biografia nos enriqueceu. Os seus estudos – os que já publicou e os que ainda vai publicar – são e serão pontos de partida para outros estudos, mas são e serão sobretudo desafios, perguntas, portas abertas para que cada um responda como puder e como souber.

Nascido no Alto Minho, em 1937, sacerdote, licenciado, doutor e professor universitário, o Doutor José Marques é historiador de cronologias amplas (desde a Antiguidade aos nossos dias), de geografias diversificadas (desde o Minho ao Algarve), de temáticas múltiplas (da política à sociedade e às instituições).

Mas é também, homem de amores, na cronologia e na temática. Estudioso da Idade Média, sobretudo da Idade Média tardia, o seu grande domínio é a arquidiocese de Braga, núcleo da tese de doutoramento (*A Arquidiocese de Braga no século XV*, defendida em 1985 [Lisboa, 1988]) e de tantos trabalhos (da *Braga Medieval* [Braga, 1983] ao *Senhorio de Braga, no século XV* [Braga, 1997]). A maioria dos seus escritos constitui um autêntico monumento de erudição. Outros representam intervenções de teor quase militante (*D. Diogo de Sousa salvou a matriz de Barcelos* [Barcelos, 1984]; *O Mosteiro de Bulhente não existiu* [Braga, 1983]), mas são sempre fruto de estudo e de investigação. Com frequência, o Doutor José Marques aborda questões de história urbana (depois de Braga, Barcelos, Porto, Vila Real, Moncorvo, Vila do Conde ... Melgaço [recorde-se o seu recente volume sobre *Os Forais de Melgaço*, Melgaço, 2003]). Investiga também temas ligados ao povoamento, e faz algumas intervenções no domínio da história militar ... Homem da fronteira, é autor de um interessante e útil volume sobre as *Relações entre Portugal e Castela nos finais da Idade Média* (Lisboa, 1994). Marcou de forma decisiva os estudos de diplomática em Portugal (sobretudo pela sua ligação à Comissão Internacional de Diplomática, a que pertence desde 1986), bem como a renovação dos estudos eclesiásticos no nosso país. No que se refere a este último domínio, deu-lhe, como poucos, uma dimensão social. É homem agradecido, dimensão fundamental na vida universitária (que seria, sem ele, da reedição da obra do Doutor Avelino de Jesus da Costa [Braga, 2000]?).

Profissionalmente, é homem da universidade, da comunidade. São muitos os trabalhos que se integram em iniciativas institucionais, já da Universidade do Porto, já da Comissão Internacional de Diplomática. No mesmo sentido, são incontáveis as presenças em congressos e júris de provas universitárias, bem como as orientações de dissertações de mestrado e de doutoramento.

Intelectualmente, é homem da bibliografia, do catálogo e do repertório, sobretudo das obras e/ou fontes documentais. Era assim que as enciclopédias e os dicionários definiam aquele capítulo da bibliofilia que implica a ordenação, a catalogação e descrição dos textos. No nosso tempo, trata-se do núcleo da ciência da documentação. É usual pensar-se que a bibliografia e a documentação são

consequência natural dos tempos modernos, tornadas indispensáveis pela multiplicação dos textos e pela progressiva especialização dos saberes.

É verdade. Mas não é menos certo que a bibliografia e a documentação pressupõem, antes disso, uma determinada forma de conceber e organizar o saber. A origem do termo bibliografia remonta ao século XVII; segundo uns, aparece pela primeira vez em 1643-54 nas obras de Louis Jacob, *Bibliographia Parisina e Bibliographia gallica*, segundo outros, na *Bibliographia politique* de Gabriel Naudé, bibliotecário do cardeal Mazarino, impressa em 1633. Antes desta centúria, tais listas eram usualmente chamadas Repertorium, Catalogus, Index, Bibliotheca. Durante muito tempo, bibliografia a sério foi a descrição dos manuscritos, as fontes por excelência; como se lê ainda na *Enciclopédia* de Diderot e d'Alambert, em meados do século XVIII, o bibliógrafo é a pessoa versada no conhecimento e decifração dos manuscritos. Neste sentido, o Doutor José Marques é um bibliófilo.

Vai ser no século XIX, com o desenvolvimento dos estudos históricos, que a bibliografia científica adquirirá personalidade própria. Recordo o *Manuel du Libraire* de Brunet, de 1810, ou a criação do seu ensino em escolas especializadas como na École des Chartes. Sinal desta mutação ocorrida no decorrer de um século, em 1885, a Enciclopédia de Berthelot define já a bibliografia como a ciência dos livros, em termos de descrição e classificação. A partir de então, a bibliografia (e a documentação hoje em dia) estará definitivamente ligada ao conhecimento e estudo dos textos, afirmando-se cada vez mais – nos diferentes géneros que a compõem (bibliografias gerais, internacionais, nacionais, particulares, especiais, selectivas, retrospectivas, primárias, secundárias, analíticas, críticas, descritivas) – com vocação globalizante de tudo abarcar ... demonstrando, na sua multiplicidade, a impossibilidade de atingir um tal objectivo. Daí as bibliografias das bibliografias, sinal evidenciador desta babel, sempre mais alta e sempre inacabada. É o banco de dados do nosso tempo.

Mas vamos ao ponto essencial. A bibliografia e a documentação pressupõem uma determinada forma de conceber e organizar o saber. Para utilizar as palavras de VITORINO DE MAGALHÃES GODINHO, ao iniciar o capítulo bibliográfico da sua obra *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar. Séculos XIII-XVIII* (Lisboa, 1990): *Antes de mais, uma maneira de pensar*. Assim, o termo bibliografia aponta para a ciência do livro, para as múltiplas formas da biblio ... Seja-me permitida alguma divagação temático-humorística. Com a bibliografia, com o seu espírito e ocupações, amores e aversões, há muita realidade relacionada: biblioclastia, bibliocleptia, bibliofagia, bibliofilia, bibliofobia, bibliolitia, bibliomancia, bibliomania, bibliometria, bibliopagia, bibliopepsia, bibliopirataria ....

No caso do Doutor José Marques, estamos no domínio da bibliofilia .... Ou seja, da bibliofilia que se traduz no exercício de determinada actividade intelec-

tual: na organização, na classificação, no acesso. Como instrumento de trabalho, faz parte da própria organização dos estudos históricos. Nesse sentido, é ainda possível recordar, a este propósito, Ch.-V. LANGLOIS, que, em 1896, no seu *Manuel de bibliographie historique*, considerava a bibliografia como o sector da ciência dos livros que trata dos repertórios e dos meios de se obterem informações das fontes. Daí o seu sentido técnico que se encontra em qualquer obra especializada sobre o tema, e que, mesmo nos nossos tempos, mais não faz do que, com maior rigor descritivo, acentuar essa dimensão fundamental.

Neste sentido, o Doutor José Marques, homem de estudo e historiador, da fonte manuscrita e impressa, é-o na sua dimensão metodológica própria. Não o vejo ligado à fonte como mero instrumento, como meio auxiliar de estudo. Explico-me e creio que esta explicitação é importante para melhor se poder aferir, compreender e valorizar o perfil de historiador de que ele me parece constituir um excelente exemplo.

E começo por recorrer à contraposição de algumas citações clássicas. RANKE, no prefácio à sua *História Universal*, afirmava que a história começa onde os monumentos se tornam inteligíveis e onde existem documentos dignos de fé. HENRI-IRÉNÉE MARROU, na sua tão conhecida *De la connaissance historique*, transcreve este comentário, precisamente no capítulo III, intitulado *A História faz-se com documentos*. Mas, com que documentos? Como escreveu LUCIEN FEBVRE, nos seus *Combates pela História* – a citação, de tão frequentemente feita, torna-se quase obrigatória –, *a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. E, na mesma colectânea, afirma: Os textos sem dúvida: mas todos os textos [...]. Os textos evidentemente: mas não apenas os textos.*

Como se vê, a fonte não é só o texto, mas começa por ser um texto. É o primeiro dos textos é a fonte ordenada, classificada, trabalhada. Nisto, o Doutor José Marques é exemplar. Na sua obra, a fonte é protagonista. Talvez por isso seja tão segura.

Para o caso que hoje nos interessa, o problema não reside na análise das implicações da mutação do sentido da fonte em termos de uma crítica teórica do documento. O que está em causa é a necessidade de ser repensada a relação Fonte-Memória-Informação; e isto deve ser feito tendo em vista a evolução histórica do saber.

Impõe-se, portanto, uma revalorização da noção de fonte. E aqui ressalta de novo a lição do seu labor de investigador e de impulsor dos estudos de documentação na nossa faculdade. No meu ponto de vista, ambas as realidades estão ligadas. Relendo a sua obra (e muita coisa refolhee nos últimos dias), reparei no cuidado com que sempre procura aproximar o seu discurso da fonte documental e da bibliografia correspondente (note-se, por exemplo, que, a abrir a tese de doutoramento, quase pede desculpa ao leitor por não poder ser exaus-

tivo ...). E, a este propósito, pensei como nos seus textos está presente, de forma aparentemente inocente, mas profundamente convincente, o problema que muitos discutem teoricamente da relação entre a narratividade da historiografia e a determinação da prova historiográfica. Diria que, com um olhar filosófico, é o problema da evidência mas que, com um olhar historiográfico, é o problema da fonte, ou melhor, do estatuto e função do binómio Fonte-Bibliografia. Na sua obra, este problema está colocado, não teoricamente, mas na prática historiográfica; nela, a fonte é o fundamento da evidência.

O Doutor José Marques tem razão? Não sei, mas neste momento isso é secundário. Apenas digo que muitas vezes pensei neste problema ao ler os seus textos. No espaço em que o historiador se move, é o importante problema da inserção de realidades como o arquivo e a biblioteca .., ou seja, da relação entre arquivo, documento, traço. Sobre isto, são muitas as respostas dadas em termos de teoria e história da historiografia e da narrativa historiográfica. Mas a sua resposta é dada, repito, na prática. Para ele, a resposta situa-se no mundo da diplomática e da bibliografia (tanto a arquivística como a biblioteconómica). Estamos no oposto de um historiador clássico; estamos no mundo em que a bibliografia não se limita a ser mera recolha de fontes, pois ultrapassa esta dimensão. Ela – a bibliografia – é a fonte por excelência, onde as fontes primárias, na sua diversidade, se uniformizam no discurso historiográfico. À sua medida, se o arquivo e a biblioteca são um mundo, para evocar aqui as palavras célebres de JOSÉ LUIS BORGES, a bibliografia é um outro mundo, que, como a biblioteca do capitão Nemo das *Vinte mil léguas submarinas*, se fecha no momento em que a lista é elaborada, apenas aberta à capacidade criadora do historiador que, a partir dessa lista, elabora a sua proposta de evocação do *outro mundo que já foi*.

Vale a pena recordar as palavras de JÚLIO VERNE a propósito da biblioteca do Nautilus: *São doze mil, senhor Aronax. São os únicos laços que me ligam à terra. Mas, para mim, o mundo acabou no dia em que o Nautilus mergulhou nas águas. Nesse dia, comprei os últimos volumes, as últimas brochuras, os últimos jornais, e, desde então, faço como a humanidade nada mais tenha pensado ou escrito*. De facto, a bibliografia é sempre fruto de um terminar artificial. Como F. BRAUDEL, todo o historiador poderá afirmar: *Contudo, é evidente que as nossas investigações, as antigas e as novas, não esgotaram o enorme material inédito dos arquivos. Poderia ter sido de outra maneira em relação a um assunto tão vasto?* Mas aqui terminam as semelhanças. Ao contrário do capitão Nemo, o historiador sabe que cada mergulho só a fingir é o último, porque haverá sempre um novo mergulhar ... De qualquer modo, há sempre um colocar entre parêntesis, tem de haver um fechar bibliográfico, sem o qual a elaboração da narrativa historiográfica é impossível ... Em certa medida, é como se o reportório, uma vez elaborado, funcionasse como um mundo-em-si ...

Quem não albergou, pelo menos na sua juventude, o propósito – que a maturidade se encarregou de mostrar ser impossível de concretizar – de ler e classificar todos os documentos e de recolher toda a bibliografia, convencido que aí resumiria todo o mundo da respectiva área de interesse? Quem não sentiu um dia, dentro de si, a voz do comentário de JORGE LUIS BORGES (*Como todos os homens de biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei à procura de um livro, acaso do catálogo de catálogos ...*)?

É a preocupação pelo total, que começa nas fontes, nas fontes documentais e logo nas fontes bibliográficas. Não possuem as primeiras bibliografias da época moderna esta vocação de universalidade? Ou, para citar um exemplo mais recente, recorde-se a fundação do Institut International de Bibliographie, em Bruxelas, em 1895. E não será a preocupação de uniformização da CDU uma outra forma de viabilizar esta vocação de totalidade? De facto, a preocupação pelo global que, em certa medida, caracteriza muita da historiografia nossa contemporânea, não implicará também a globalidade do repertório bibliográfico?

Dito por outras palavras, no complexo processo de elaboração da narrativa historiográfica, a unidade da evocação histórica começa já nessa construção da fonte, diria de segundo grau, que é o *corpus*, o dossier, o repertório, a bibliografia, o catálogo. Se o historiador, de facto, trabalha em diálogo preferencial com as fontes documentais que seleccionou para, a partir delas, elaborar o seu texto, não será qualquer repertório (como qualquer cartulário, dossier ou catálogo) no fundo, um inventário de discursos?

No entanto, subsiste a dificuldade: como lograr a visão unitária? Aquela visão unitária que permita a cada historiador fazer suas as palavras de MARC BLOCH: *Reconhecemos que, numa qualquer sociedade, tudo se liga e se influencia mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, tanto as manifestações mais elementares como as mais subtis da mentalidade.*

A solução ideal não existe. Seria necessária uma teoria das relações entre os diferentes sistemas que evitasse uma divisão do processo histórico em compartimentos estanques, consequência da utilização de diferentes pontos de vista e distintas metodologias características das diversas ciências sociais. Mas, seja qual for a solução, esta sempre terá de passar por um esforço de integração à volta de um eixo central que, como escreve L. SUÁREZ, não pode ser outro senão o espírito humano.

Aqui entra, efectivamente, o espírito humano. O historiador, o medievalista, o sacerdote, o douto professor universitário é sobretudo um amigo. Nele, os laços de amizade têm fundamento, não são estratégias. São os laços do saber, do esforço, do estudo, tudo qualidades que me habituei a admirar ao longo de tantos anos. De qualquer modo, o Doutor José Marques é um excelente exemplo do que sempre deverá ser a experiência matricial do historiador: de um lado, o homem que estuda, do outro, os homens que são estudados. Daí que a histori-

ografia – representação mental de ausências – seja, no fundo, uma experiência radical de alteridade ... Este será, assim, um daqueles casos em que a amizade, virtude humana, se fortalece através da disciplina intelectual.

Em suma: elaborados para servir de ponto de partida a uma monografia ou a uma obra de síntese, ou elaborados como objectivo em si, a bibliografia e o repertório de fontes representam um esforço de carácter historiográfico; são mais do que meros instrumentos de trabalho, possuem um entidade própria que se impõe sublinhar e valorizar. Efectivamente, há uma forte relação entre catálogos históricos e concepções da história. Como afirmava Silvestre Bonnard, membro do Instituto, pela pena de ANATOLE FRANCE: *Não conheço leitura mais fácil, mais atractiva, mais doce do que a de um catálogo ... Possibilita o desejo e a adivinha ...*

Para terminar com uma citação do Doutor José Marques, diria (recorrendo a uma observação que tantas vezes lhe ouvi) que não há melhor praia do que aquela onde, com um cartulário nas mãos, e sentado junto ao mar, quase molhando os pés, se passa o tempo lendo e transcrevendo documentos ...